

CLIENTE: CBH-Doce
VEÍCULO: Diário do Rio Doce
DATA: 24.06.2015

quarta-feira, 24 de junho de 2015

Bacia do rio Doce é motivo de preocupação

O NÍVEL DO RIO E O PERÍODO DE ESTIAGEM TÊM SE AGRAVADO CADA VEZ MAIS, OCASIONANDO DEBATES EM BUSCAS DE ALGUMAS SOLUÇÕES. EM LINHARES, NO ESPÍRITO SANTO, NÍVEL É CADA VEZ MAIS BAIXO

FOTO: Robson Barros da Rocha/regência Surf



EM LINHARES, a foz do rio Doce está secando. A primeira foto é do final do mês passado; na segunda, a situação atual

por **EDERSON FERREIRA**
edersonferreira@drd.com.br

GOVERNADOR VALADARES – Grandes períodos de estiagem, a seca dos rios, problemas na captação de água para abastecimento das populações, águas poluídas e outras questões envolvendo esse recurso natural têm sido vistos em várias cidades do País, sendo motivo para debates em busca de soluções viáveis. Nessa perspectiva, acontece hoje, a partir das 9h, no auditório da Ardoce, na Ilha dos Araújo, uma reunião para tratar da bacia do rio Doce e encontrar melhores soluções para amenizar o problema da seca.

Segundo a presidente da Câmara Técnica de Gestão de Eventos Críticos (CTGEC), Lucinha Teixeira, nos últimos anos hidrológicos foi observado que as precipitações foram abaixo ou próximas da média histórica em toda a bacia do rio Doce, conseqüentemente levando a diminuições nas vazões e no nível dos rios da bacia, incluindo o próprio rio Doce. Dentre os dados divulgados pelo Serviço Geológico do Brasil - CPRM, foi registrado entre outubro de 2014 e maio de 2015 que o total de precipitação acumulada foi 60% abaixo da média histórica, menos de 600mm.

"No último boletim hidrometeorológico do Instituto Mineiro de Gestão das Águas [que monitora os rios de domínio estadual], no último dia 18, observamos que nas regiões dos rios Suaçuí — que abrange o município de Valadares —, Piracicaba e Santo Antônio a situação é de Estado de Atenção, de acordo com Deliberação Normativa do Conselho Estadual de Recursos Hídricos [CERH]. Todavia, a região do rio Piranga se encontra em Estado de Alerta [estado de risco de escassez hídrica, que antecede ao estado de restrição de uso]. Segundo a CPRM, se fossem utilizados os mesmos critérios da DN49/2015, que estabelece diretrizes e critérios gerais para a definição de situação crítica de escassez hídrica ao longo do rio Doce, já estaríamos em Estado de Atenção na região da Cenibra, Valadares e Colatina", disse Lucinha Teixeira.

Mesmo sendo um problema atual, a seca dos rios já vinha sendo prevista há anos. No prognóstico do Plano Integrado de Recursos Hídricos da bacia do rio Doce, já existia um indicativo de situações de escassez hídrica relacionada a uma demanda maior que a oferta de água, devido ao aumento da população, por exemplo. Com a atual estiagem, essa situação foi antecipada. "Em Valadares, o déficit hídrico tem se repetido ao longo dos últimos anos devido a precipitações abaixo da média. Nos boletins da CPRM, tem sido reiterado que em algumas áreas da região Sudeste a estiagem de 2015 será mais severa que a de 2014. É preciso acompanhar o monitoramento realizado no rio Doce pela CPRM e a Agência Nacional de Águas. Entretanto, 2014, no período mais crítico da estiagem, a vazão do rio Doce registrada era suficiente para o abastecimento da cidade, mas foi necessário buscar novas tecnologias para a captação da água. Informações da Agência Nacional de Águas indicam que a vazão registrada em junho/2015 no rio Doce em Governador Valadares é ligeiramente superior que a do mesmo período de 2014", explicou a presidente do CTGEC.

MENOR DESÁGUE NO MAR

A seca mostra sua real situação em Regência, litoral de Linhares (ES), onde há aproximadamente duas semanas a foz do rio secou. Segundo informações do site Gazeta Online, o deságue acontecia no Oceano Atlântico, e devido ao volume de 330 metros cúbicos por segundo ser considerado mínimo, a foz secou. Dentre os diversos motivos da seca, podem ser listados a ocupação desordenada do solo da bacia do rio Doce, originalmente coberto por mata atlântica em 95%, a pastagem desordenada e solo cheio, compactado devido a queimadas. "Trata-se de uma situação muito específica, que demandará uma atenção especial dos órgãos gestores do Comitê da Bacia Hidrográfica [CBH], mas ainda não temos estudos específicos sobre esta situação", concluiu Lucinha Teixeira.